

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online

Doutorado
PPgEnfBio

PPGENFBIO

ISSN 2175-5361
DOI: 10.9789/2175-5361

PESQUISA

Habilidades e destreza manual: tratando da criação no ensino de semiótica na enfermagem

Skills and hands ability: dealing with the teaching of semiotics in nursing

Habilidades y destreza con las manos: tratamiento de la creación en la enseñanza de la semiótica en enfermería

Paulo Sergio da Silva ¹, Ricardo Luiz Ramos ², Karinne Cristinne da Silva Cunha ³, Nélia Maria Almeida de Figueiredo ⁴

ABSTRACT

Objective: Production of ideas from incentive to imagination that may indicate troubleshooting identified by nursing students and presenting ideas and potential products resulting from their imagination. **Method:** Cartographic qualitative. The institutional research scenario is a public university in the State of Rio de Janeiro. Sixteen Nursing students were part of this study. **Results:** Twelve images were produced by Nursing students (73,4%), while only four students (26,6%) did not elaborate any image. The produced data came from three moments: "tracking to play", "playing to land" and "landing to reconize". **Conclusion:** There were identified problems resulting from experience with the families, to the creation of ideas into products or procedures involving innovations soft-hard technologies and building applications, tablets for hospitalized clients. **Descriptors:** Teaching, Higher education, Nursing care.

RESUMO

Objetivo: Produzir ideias, a partir do estímulo à imaginação, que possam indicar solução de problemas identificados por estudantes de enfermagem e apresentar as ideias e os possíveis produtos decorrentes de suas imaginações. **Método:** Cartográfico de natureza qualitativa. O cenário de investigação institucional consiste em uma universidade pública localizada no estado do Rio de Janeiro. Participaram deste estudo dezesseis estudantes de enfermagem. **Resultados:** Foram produzidas doze imagens por estudantes de enfermagem (73,4%), enquanto que apenas quatro estudantes (26,6%) não elaboraram nenhuma imagem. Os dados produzidos foram trabalhados em três momentos, intitulados: "rastreado para tocar", "tocando para pousar" e "pousando para reconhecer". **Conclusão:** Identificamos problemas resultantes de experiência com familiares, às criações das ideias transformadas em produtos ou processos envolveram inovações de tecnologias leve-duras e criação de aplicativos, tablets para clientes internados. **Descritores:** Ensino, Educação superior, Cuidados de enfermagem.

RESUMEN

Objetivo: Producir de ideas del estímulo a la imaginación que puedan indicar la solución de problemas identificados por los estudiantes de enfermería y presentar ideas y productos potenciales resultantes de su imaginación. **Método:** Cualitativo de naturaleza cartográfica. El escenario de la investigación institucional era una universidad pública en el estado de Rio de Janeiro. Dieciséis estudiantes de enfermería participaron en este estudio. **Resultados:** Doce imágenes fueron producidas por estudiantes de enfermería (73,4%), mientras que sólo cuatro estudiantes (26,6%) no produjeron ninguna imagen. Los datos producidos se trabajaron en tres momentos titulados: "rastreado para jugar", "jugar para posar" y "posando para reconocer". **Conclusión:** Se identificaron los problemas derivados de la experiencia con la familia, de las creaciones de ideas en productos o procesos involucrando innovaciones de tecnologías suave-duras y la creación de aplicaciones, tabletas para clientes hospitalizados. **Descriptor:** Enseñanza, Educación Superior, Atención de enfermería.

¹Enfermeiro. Doutorando do Programa de Pós Graduação em Enfermagem e Biociências (PPGENFBIO) desenvolvido na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. E mail: pssilva2008@gmail.com; ²Enfermeiro. Doutorando do Programa de Pós Graduação em Enfermagem e Biociências (PPGENFBIO) desenvolvido na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. E mail: rluzramos@gmail.com; ³Enfermeira. Professora adjunta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Doutora em Neuroimunologia pela Universidade Federal Fluminense. E mail: karinne.cunha@hotmail.com; ⁴Enfermeira. Professora Titular do Departamento de Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. Doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem Anna Nery. E mail: nelia@unirio.br

INTRODUÇÃO

Há vinte anos professores do departamento de Enfermagem Fundamental da escola de Enfermagem Alfredo Pinto se põem a investigar sobre temas diversos em estudos cuja metodologia tem envolvido estímulo a sensibilização sempre acreditando que é preciso em algum momento do ensino da enfermagem, colocar estudantes para imaginar, aprender que o devaneio é o motor estimulador na produção do conhecimento científico.

A cada dia que vivemos a experiência de ensinar e nos colocamos na condição de aprendizes, sobretudo quando pensamos o cuidado de enfermagem, damos-nos conta, como responsáveis pelo ensino, das diversas dificuldades que os estudantes de enfermagem têm para criar e refletir sobre o que pensam de seu fazer e sobre o que sabem fazer.¹

É nesse contexto que os professores responsáveis pela área de conhecimento de Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, mais especificamente envolvidos nas disciplinas de Semiotécnica I e II, Semiologia, História e Ética, buscam estratégias de ensino-aprendizagem para desenvolver seus conteúdos de modo flexível, democrático e principalmente capaz de estimular a criatividade diante dos contextos e fenômenos atuais.

Salientamos a vigilância que nós, professores, devemos ter no que diz respeito

[...] a criar estratégias de desconstrução de um ser partido e racional. Isso não é fazer com que eles desvalorizem essa dimensão humana, a racionalidade, mas de articular outras dimensões a ela, quais sejam: espirituais, emocionais, políticas, ecológicas, sensíveis, etc. Esse é o desafio, se há o desejo de que eles desenvolvam uma inteligência que lhes dê o faro, a sagacidade, a previsão, a leveza de espírito, a desenvoltura, a atenção constante, senso de oportunidade para criação.^{2:4997}

Dentre as diversas estratégias pedagógicas por nós experimentadas que caminha pelas estradas da criatividade com intuito de estimular habilidades psicomotoras e competências cognitivas e relacionais, a título de ilustração, destacamos os jogos dramáticos, as simulações de cenas por estudantes de enfermagem, júri simulado, filmes assistidos e acompanhados de discussão coletiva, entre outros.

Ao adotarmos estas estratégias de ensino que oportunizam o desenvolvimento da criatividade em estudantes de graduação e pós - graduação temos a intenção explícita de treinar habilidades, tais como:

[...] olhar/ver, sentir/refletir, ampliar o interesse para além da atenção aos sinais e sintomas da doença, e também, realizar procedimentos relativos à implementação de cuidados de enfermagem e organização e manutenção do ambiente para o cliente sujeito do cuidado de enfermagem.^{3:168}

Dessa forma, os professores do departamento de enfermagem fundamental que ministram as disciplinas Semiotécnica de Enfermagem I e II, ao entrar no espaço da sala de aula o transformam em um laboratório vivo de pesquisa, pois ali (re)criam estratégias de

ensino para que os estudantes de enfermagem vivenciem emoções e sentimentos similares às dos clientes que recebem cuidado de enfermagem, simulem cenas profissionais com implicações éticas para o cuidado, reflitem sobre o discurso de inovação tecnológica tão vigente na atualidade, pensam na perspectiva da ampliação dos instrumentos básicos de enfermagem, entre outros.

Quando mencionamos o termo laboratório vivo de pesquisa temos em mente que além do arsenal científico produzido no plano do conhecimento nos tornamos mais aptos para imaginar, ensinar, pensar, pesquisar e aprender envolvendo todos os protagonistas ali presentes, para assim avançar e melhor compreender a profissão de Enfermagem que cada dia se desvela numa prática de cuidar científica.⁴

Vários foram os estudos publicados em livros ou textos que produzimos que retratam a necessidade de imaginar e criar coisas, ou pelo menos ideias, que a cada dia mais somem das experiências no ensino e na prática de enfermagem. Imaginar ou estimular a imaginação, lentamente tem sumido da necessidade de aprender, pensar e conhecer. Apenas poucos professores continuam a tentar, até porque criar é dar arte e não das ciências que produzem ciências, como muitos pensam.

Ensinar a imaginar e a criar coisas nos dará conta de que ser se quer neste século XXI quando é forte e o discurso e a prática sobre inovação tecnológica. Criar é a palavra de ordem contemporânea, é a força motriz desencadeadora de ideias da mente que devem resultar em produtos utilizados e absorvidos pelo mercado econômico.

Isso não parece tão difícil de ser feito nas áreas da engenharia, das ciências agrárias, no meio ambiente, na biologia, na arquitetura, entre outras áreas. No entanto, existem muitas dificuldades na área da saúde, principalmente na enfermagem, até porque a maioria ou quase todas as tecnologias que usamos na área hospitalar estão descobertas e instituídas. Os produtos são, ou já foram criados pela engenharia, por laboratórios farmacêuticos, por laboratórios de estética, indústria têxtil, resta-nos agora inovar.

Colocar os estudantes de enfermagem para imaginar em sala de aula, estamos falando de imaginação ativa, a primeira de muitas que chamamos de social, aqui típica e simbólica. Exercita a mente, movimentá-lo como se ela fosse um músculo. Mas, é preciso criar espaços e ações de criação para que os estudantes desconstruam a ideia de que criar na habilidade e destreza manual é manipular coisas do cuidado, manipular seringas, aparelhos, habilidade para aplicar uma injeção, fazer um banho ou simplesmente decorar os passos e as etapas de determinada técnica executada pelos profissionais de enfermagem.

Tudo isso nos autorizam a definir que as determinações do objeto de estudo a ser apreendido nesta experiência investigativa são: a imaginação criativa no ensino de semiotécnica de enfermagem por estudantes em sala de aula.

Em coerência ao objeto determinado, a questão que orienta esta experiência foi: os estudantes quando sensibilizados são capazes de imaginar e criar ideias sobre problemas quando em sala de aula aprendem sobre habilidades e destreza manual?

Em face do questionamento, apresentam-se como objetivos propostos: I - produzir ideias a partir do estímulo à imaginação que possam indicar solução de problemas identificados por eles. II - apresentar as ideias e os possíveis produtos decorrentes de suas imaginações.

A experiência se justifica porque faz parte de muitas outras desenvolvidas por nós como já afirmamos e tem contribuído na produção de conhecimento científico sobre estratégias de ensino aprendizagem através de criação e o que é produzido a partir delas.

Por que com essa experiência estamos de volta aos procedimentos básicos: habilidades e destreza manual, para não deixar que eles engessem os estudantes de enfermagem, acreditando que habilidade deve ser exercida como mental para criar, pensar, sonhar, se comunicar, para sair de situações e encontrar resoluções de problemas, habilidade para imaginar, sair do estável, seguro e se aventurar em diversas ondas/movimentos de vida.

Ao retratarmos destreza manual, não a entendemos tão somente como “homo faber”, ou seja, sustentado na noção do homem estritamente reprodutor de técnicas, mas queremos ampliar e transformar os estudantes de enfermagem em “homo sapiens-demens-ludens-imaginarius”, ou seja, sujeitos sábios, louco com liberdade de imaginar a partir de situações lúdicas as habilidades psicomotoras.⁵

Com isso podemos ampliar e rever os fundamentos de enfermagem ensinados para uma prática e não tão somente para o sujeito que esta sendo formado para fazer a prática. Fortalecer a inserção dos estudantes no laboratório vivo para imaginar situações e criar produtos em coerência com o discurso de inovações tecnológicas nos faz acreditar que percorrer por novas estratégias de ensino-aprendizagem, é um caminho pedagógico capaz de torná-los mais livres para criação.

Fundamentação Teórica

Vivenciar situações cotidianas junto aos estudantes de enfermagem nos cenários de ensino-aprendizagem pautado na (des)construção e (re)modelação das cenas do ensino de semiotécnica de enfermagem, nos leva a criar dois grandes núcleos de sustentação teórica para este estudo.

O primeiro núcleo versa sobre a Enfermagem Fundamental. Aqui retratada como uma área

[...] que não tem um campo de atuação específico, próprio, articular, pois ela permeia a enfermagem em sua inteireza - seu conceito e sua prática - como se a transcendesse no sentido metafísico (no todo e nas partes), como se estivesse presente, latente, ou subsistindo em todos os possíveis campos da ação e setores da atuação e da totalidade profissional. Assim, fundamental é a tonalidade ou aquele caráter único, que corresponde à essência de uma coisa (a representação que serve para delimitar e orientar a referência); e, portanto, o que lhe dá coerência, em uma trama de relações e aderências de intenções gnoseológicas.^{6:667}

Em outras palavras consiste na área que fundamenta todo o exercício profissional, por que é responsável pelo ensino da história, da ética, da semiologia do corpo e de toda semiotécnica para ele direcionada; os procedimentos básicos ensinados retratam: “registros de enfermagem, do desenvolvimento de habilidades e destreza manual, da metodologia para resolução de problemas além da própria pesquisa científica”.^{7:7202}

Complementamos aos instrumentos básicos de enfermagem listados; a observação, criatividade, entrevista e comunicação. Contudo, temos investigado e definido que o

primeiro instrumento é o corpo, pois se projeta no campo da ação e sem ele não existe cuidado direto e indireto.⁸

Corpo esse entendido em seus aspectos teóricos como elemento:

[...] da ciência do cuidado, espaço mínimo que é humano-livre, humano-ativo, dono de suas próprias ideias, opiniões, valores, ambições e visão de mundo. Corpo histórico sendo fonte e mediação de conhecimentos e saberes mediante memórias nele fixadas. Lugar de expressão e criação, de sentido e representações, de escuta-mítica, de cognição, da produção de imagens. Poder e produtos de subjetividades; instituído e instituinte, que faz movimentos políticos de mudança. Corpo real-emocional (objetivo e subjetivo). Corpomemória, pois somos o que lembramos. Assim, o corpo é carne-memória, ética, vivo, pulsante.^{3:169}

Ao mencionarmos o corpo como lugar de expressão e criação temos a certeza que estamos no segundo núcleo teórico deste estudo que versa sobre a imaginação e a criação no ensino de enfermagem.

Acreditar que os estudantes universitários de enfermagem devem ser estimulados para criação, pode ser um caminho articulador entre a ciência que paulatinamente se constrói junto às ações-ato de cuidar e a arte.

Quando mencionamos a expressão “ciência que paulatinamente se constrói”, pois

[...] não se pode negligenciar que a Enfermagem ainda é entendida epistemologicamente como “uma-ciência-em-vias-de-se-fazer”. Tenha-se em consideração, porém, que isso não implica para a mesma um sentido demeritório. Ao contrário, pois, este é um desafio típico do ritmo do progresso da ciência, o qual se manifesta em todas as áreas. Um desafio correspondente ao caráter efêmero da modernidade de uma ciência”.^{9:389}

Acreditamos que o processo criador estimula o espírito indagador e pode estimular o desejo de liberdade para especular, perguntar, problematizar, indagar, imaginar e alavancar processos para progresso da ciência na área da enfermagem.

A criatividade é o processo de mudança de desenvolvimento de evolução, na organização da vida subjetiva.¹⁰ É uma situação fundamental para um criador enfrentar tanto a sua emergência interior como diante de cada mudança que acontece durante seu desenvolvimento, o artista como toda pessoa de nossa época, tem de abordar os problemas que se colocam para qualquer um e seus semelhantes, mas com a diferença de que ela se antecipa e como ser antecipada.¹¹

Por fim, para criar é preciso imaginação, conhecimento sem imaginação é inútil. A imaginação é que da vida ao conhecimento. A imaginação e a criatividade são as forças motrizes por detrás da mudança, da adaptação e da evolução.¹²

MÉTODO

O método de escolha para esta experiência investigativa foi o cartográfico, que apresenta peculiaridades de ordens qualitativas e aqui orientadas para trabalhar com a imaginação criativa dos estudantes de enfermagem no ensino da disciplina de semiótica.

O método cartográfico tem sentido de acompanhamento de percursos, implicações em processos de produção, conexão de redes ou rizomas e traz para dentro da experiência de cartografar a subjetividade, agenciamento e micropolíticas do desejo.¹³

Salientamos que ao invés de regras para serem aplicadas esse método propõem ideias de pistas para guiar o trabalho de pesquisa, ou seja, linhas de conexão e de referências, mediante o uso de quatro variedades de atenção: rastreio, toque, pouso e reconhecimento na cartografia.¹³

Quando inicialmente citamos que o estudo é de natureza qualitativa, temos em mente que este método envolve

[...] improvisar soluções para os problemas de pesquisa, sentindo-se livres para inventar os métodos capazes de responder as suas questões. A escolha das teorias que orientam a pesquisa também está contaminada pelas preferências e dificuldades do pesquisador, já que uma organização ou grupo pode ser visto de muitas maneiras diferentes, nenhuma delas esta certa ou errada, visto que são alternativas possíveis e talvez complementares. Não é possível formular regras precisas sobre as técnicas de pesquisa qualitativa porque cada entrevista ou observação é única: depende do tema, do pesquisador e de seus pesquisados.^{14:57}

Outro aspecto teórico contido nesta opção metodológica é a possibilidade dos requisitos em análise qualitativa trazer maior visibilidade e maior densidade ao objeto deste estudo o que nos fornece no campo dos significados explicar os achados.¹⁵

O cenário de investigação institucional consiste em uma universidade pública localizada no estado do Rio de Janeiro, destinada a formar profissionais enfermeiros. O microespaço selecionado para produção de dados foi às dependências do programa fábrica de cuidar, para criar modelos e tecnologias em saúde onde as aulas de semiotécnica e semiologia em enfermagem acontecem; consideradas por nós um laboratório vivo para produção de dados, pois os estudantes além de aprenderem conteúdos, são convidados a produzirem cenas/tecnologias para objetivar o que é e o que não inerente a sua esfera profissional.

O estudo foi submetido a uma avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da instituição superior de ensino para o devido cumprimento dos aspectos éticos e legais envolvidos em pesquisa com seres humanos, onde obteve o parecer “APROVADO” mediante o número do memorando 685-11, o que nos possibilitou trabalhar no campo dos significados e no plano das imagens produzidas após consentimentos dos sujeitos-objeto envolvidos neste estudo.

Os sujeitos-objeto foram dezesseis estudantes universitários do quarto período, regularmente matriculados a disciplina de Semiotécnica II do Departamento de Enfermagem Fundamental, que aceitaram participar da construção e apresentação de produtos em enfermagem decorrentes de suas imaginações e habilidades.

Todos os estudantes de enfermagem aceitaram que fossem fotografados e tivessem suas falas registradas, a partir da assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando que o texto fosse utilizado para fins científicos.

Salientamos que algumas imagens foram perdidas ou seus contornos não ficaram tão nítidos e optamos por descrever a criação, fruto da habilidade manual dos estudantes de enfermagem.

A estratégia utilizada para produção de dados no encontro foi inicialmente pensar com os estudantes de enfermagem sobre os fundamentos básicos do cuidar, mais especificamente, habilidade e destreza manual, que deveria ser uma atividade de estímulo para imaginação e criação.

A palavra ou frase indutora para iniciar a atividade disparada pelos professores foi: imagine e crie uma imagem sobre um problema que lhes interessa resolver. Os estudantes poderiam se utilizar do desenho da massa de modelar ou da colagem a partir do material disponibilizado no ambiente. Informamos que eles tinham trinta minutos e que depois eles apresentariam suas ideias ao grupo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tivemos a preocupação em organizar os dados a partir de três grandes momentos que foram intitulados “rastreado para tocar”, “tocando para pousar” e “pousando para reconhecer”, que seguem listadas a seguir:

- Primeiro momento: rastreado para tocar.

O rastreio consiste na localização de pistas processuais, e acompanhamento nas mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo. A atenção do cartógrafo é, em princípio, aberta sem foco, e a concentração se explica por uma sintonia fina com o problema.¹³

Neste momento de indução do imaginário dos estudantes de enfermagem tivemos a preocupação de encontrar pistas que vão ao encontro de suas habilidades e nos leva a imprimir um ritmo teórico que amplia os instrumentos do cuidar pautado no entendimento do corpo como sendo básico para sentir.

O sentir necessário para imprimir seja nos corpos dos estudantes de enfermagem ou nas massas de modelagem e nas canetas possíveis soluções de problemas por eles outrora vivenciados nos cenários reais da vida e que agora na universidade se projeta como ponto intercessor no aprender o papel de ser enfermeiro.

Em nossas experiências de ensinar a cuidar, seja com atividades de modelagem ou com o próprio corpo do estudante, pensamos o que sentimos quando provocamos, invadimos o corpo do outro com nossos procedimentos às vezes desconfortáveis e dolorosos. Durante muito tempo aprendemos e ensinamos, insistindo com um termo corriqueiro: “coloque-se no lugar do doente”. Foi a partir de muito pensar que decidimos que os estudantes poderiam modelar o cuidado de enfermagem e/ou viver as experiências que os clientes vivem que objetivam colocar-se na situação dele”.^{8:213}

Nesse sentido, começamos a tocar e a investir nas representações plástico-visuais, entendidas como imagens do conhecimento dos corpos dos estudantes de enfermagem que podem nos levar a organizar e classificar os seus produtos levando em consideração suas afinidades e suas tensões.¹

- Segundo momento: tocando para pousar.

Tocar para pousar, diz repetido inicialmente à percepção háptica, como modalidade sensorial cujos receptores estão espalhados por todo o corpo e que possui a qualidade de ser um próximo-recepção, sendo seu campo perceptivo equivalente à zona de contato. Revela um momento de referência do problema (o ensino da ética e a encenação das situações de cuidar), dos limites e das fronteiras de mobilidade da atenção. Aqui se cria uma dinâmica da atenção. Esse criar está objetivado na proposta de usar janelas que estão relacionadas às práticas cognitivas, técnicas e culturais.¹³

Nesse momento colocamo-nos em uma dimensão mais sensível do que racional e corremos o risco enquanto professores junto aos estudantes de enfermagem de entrelaçar os produtos frutos da imaginação criativa expressada pelas habilidades e destrezas manuais nas imagens que a partir de agora serão entrelaçadas aos seus significados na ordem que foram explicitadas pelos estudantes que receberam numeração ordinal crescente .

Estudante de enfermagem 1 apresentou figura 1: pensou em um livro para crianças internadas que orienta sobre os procedimentos de enfermagem que serão realizados, pois parte do entendimento que as crianças tem medo dos profissionais de saúde e o que farão com elas durante as ações de cuidar. Segue apresentado na figura disposta a seguir:

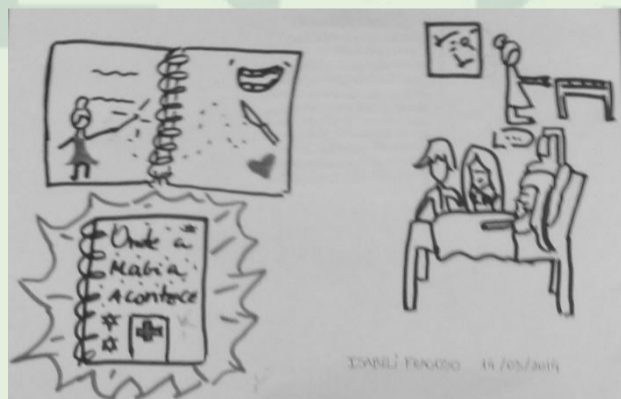


Figura 1: A imagem é dividida em dois hemisférios, no esquerdo o livro lúdico para crianças e no direito a cena de cuidar, contendo a criança hospitalizada.

Estudante de enfermagem 2, segue a descrição da criação: pensou em uma seringa personalizada para crianças que estão hospitalizadas, com desenhos de super-heróis.

Estudante de enfermagem 3, segue a descrição da criação: pensou em clientes internados em longa permanência no Centro de Terapia Intensiva que merecem um porta retrato digital ou um computador para se comunicar com a família e acompanhar como estão suas coisas extra muros hospitalares.

Estudante de enfermagem 4, segue a descrição da criação: não conseguiu imaginar nada, sua imagem é um vazio da mente que não deu conta de atender a atividade proposta.

Estudante de enfermagem 5, segue a descrição da criação: retratou uma experiência pessoal com sua avó em uma cirurgia que teve os aspectos táteis do corpo comprometidos.

Estudante de enfermagem 6, segue a descrição da criação: a partir da experiência com sua avó no CTI pensou em criar um sensor para os clientes e como captar e informar

mensagens via computador que acoplado na cabeça, sendo esse capaz de indicar os sintomas a serem atendidos.

Estudante de enfermagem 7, segue a descrição da criação: criou identificações para leitos para prevenção de riscos e um dispositivo (tablet) para que em cada leito os clientes se comuniquem e se distraiam com notícias e informações, mantendo-os ativo e antenado ao mundo exterior.

Estudante de enfermagem 8 apresentou figura 2: criou uma cabine em 6D interativa para que a pessoa internada por muito tempo possa ver como estão suas plantas no jardim ou vasos e ou seu animal de estimação.



Figura 2: Cliente internado é colocado numa cabine que oferta a possibilidade de ver os fatores inerentes a sua vida extra-muros hospitalares.

Estudante de enfermagem 9: assim como o estudante 4, não conseguiu imaginar e criar nada.

Estudante de enfermagem 10 apresentou a figura 3: ao cuidar de sua avó idosa pensa em um tipo de fralda com dois compartimentos capaz de separar fezes de urina em dois compartimentos (anterior e posterior), para prevenir infecções urinárias e outras complicações além de proporcionar o conforto.

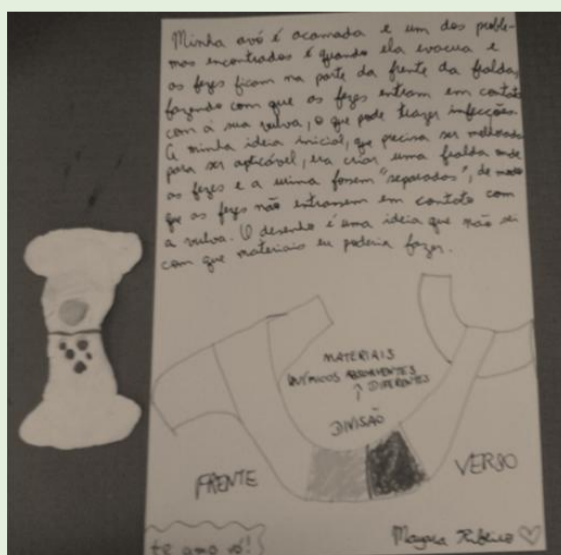


Figura 3: No plano inferior é desenhada a fralda com os dois compartimentos independentes.

Estudante de enfermagem 11, segue a descrição da criação: pensou em um ambiente resgatando Florence Nightingale, que trata de luz e proteção.

Estudante de enfermagem 12, segue a descrição da criação: cria uma seringa modelada com bichinhos de estimação como um porquinho que fala com a criança e que depois da injeção fica com ela para brincar (dispositivo de cuidar torna-se um brinquedo).

Estudante de enfermagem 13, segue a descrição da criação: pensa num aplicativo para informar o cliente e sua família sobre o hospital, os profissionais que o atende, sobre a possível fila de espera e as providências a serem tomadas.

Estudante de enfermagem 14: assim como os estudantes 4 e 9 não conseguiram imaginar nada.

Estudante de enfermagem 15, segue a descrição da criação: criou uma pulseira para acesso venoso de bomba parenteral.

Estudante de enfermagem 16 não apresentou figura: assim como os estudantes de enfermagem 4, 9 e 14 não conseguiram imaginar e criar algum dispositivo tecnológico de cuidar ou retratar possíveis experiências de cuidar.

Neste momento pousamos com a certeza de reconhecer as imagens descritas e listadas que foram produzidas por um total de doze estudantes de enfermagem (73,4%), enquanto que os outros quatro (26,6%), não conseguiram elaborar nenhuma imagem.

- Terceiro momento: pousando para reconhecer.

Reconhecer é um modo diferente de atenção e está muito próximo do que fazemos quando pousamos, é nesse momento que o território é reconfigurado. O momento de se perguntar novamente: o que é possível mostrar nos desenhos e modelagens realizados pelos estudantes de enfermagem? os estudantes quando sensibilizados foram capazes de imaginar e criar ideias sobre problemas quando em sala de aula aprendem sobre habilidades e destreza manual? É uma atitude investigativa do cartógrafo: vamos ver o que está acontecendo e como foi acompanhar o processo de produzir os dados.¹³

Ao reorganizarmos as imagens com os respectivos significados delas advindos, identificamos problemas que estiveram atrelados a experiências de cuidar com familiares, o que nos revela que os estudantes de enfermagem são envolvidos por experiências pregressas no campo do cuidado e que pode ter sido um determinante na escolha profissional.

A escolha de uma profissão é um processo dinâmico que sofre constantes influências e podem estar atravessadas por experiências de cuidado, lutas, expectativas, angústias, conflitos, medo, prazer, ansiedade, e outros fatores internos e externos que dão os traços singulares ao indivíduo.^{16:73}

Nesse sentido, quando convidados a produzirem e apresentarem ideias decorrentes de sua imaginação decodificamos uma mensagem implícita que esta intimamente atrelado ao desejo de cuidar, experimentada anteriormente junto a família.

Outro aspecto reconhecido após o pouso nas criações dos estudantes diz respeito às ideias serem transformadas em produtos ou processos. Quanto a isso as criações envolveram inovações de tecnologias leve-duras e produziram aplicativos e tablets para clientes internados e apenas.

No mundo contemporâneo norteados pelo fenômeno da globalização temos a certeza que o discurso no avanço das tecnologias, aqui contextualizados com o cuidar, vem dia após

dia contaminando os enfermeiros e estudantes que se projetam na profissão de enfermagem.

Quando identificaram os problemas e alternativas para o processo de cuidar, os estudantes de enfermagem caminharam pelo discurso das máquinas, computadores, tablets, celulares entre outros, que atualmente são dispositivos capazes de minimizar distâncias entre os sujeitos. Na esfera do cuidar, sobretudo quando falamos de clientes hospitalizados as tecnologias da comunicação e informação podem e já se projetam como uma alternativa para possibilitar com que outras esferas humanas dos clientes sejam atendidas.

Reconhecer essas criações realizadas pelos estudantes é termos em mente que os eles perpassaram por cinco etapas do processo criativo. A primeira etapa é a preparação, onde o problema é identificado e consigo o conjunto de desafios; ficamos comovidos; são situações da vida que nos instigam, assustam e dependem de nossa ajuda. É a etapa da coleta de dados, quando todas as soluções possíveis se espalham diante de nós.¹⁷

A segunda etapa denominada de frustração inicia-se com a visão de alternativas que nos surpreendem. O processo criativo inclui longo período de confusão, caos e, mais que tudo ambiguidade, que é essencial no processo criativo. Transcorrido esse momento o sujeito criador entra na terceira etapa, denominada de Incubação, onde o problema é encarado com serena atenção e tempo. Ele está ali, diante de nós - ou talvez próximo da percepção. A essa altura, a energia consciente não está sendo gasta na tentativa dessa ou daquela solução. Deixamos os dados flutuarem ao redor da questão principal de maneira livre e sem estrutura.¹⁷

Chamamos atenção aqui para quatro impossibilidades de imaginar, onde quatro estudantes de enfermagem ao serem induzidos, apresentaram como produto uma imagem vazia da mente, que não atendeu a atividade proposta. Isso nos leva a crer que eles estagnaram na segunda etapa e engessaram o imaginário o que os impossibilitou de progredir para as fases seguintes do processo criativo.

A quarta etapa denominada de inspiradora, propõem o avanço criativo que segue a etapa de elaboração. Nessa etapa entra a ação; amplia-se o modo de pensar analítico, categorizado e determinado pelo tempo, do hemisfério esquerdo do cérebro. É a chamada etapa de transposição - transportar de um lugar para o outro (transposição de uma ideia, uma tecnologia, domínio). Por fim a elaboração é o resultado da ideia e sua comunicação. É a apresentação dos resultados que precisa ser usada e vista.¹⁷

Retratar a criação no ensino de enfermagem, mais precisamente na disciplina de semiótica, levando em consideração as destrezas manuais, tais como: colar, cortar e modelar, nos leva afirmar que essas estratégias de ensino são capazes de treinar habilidades psicomotoras grossas e finas coordenadas pelo sistema nervoso.

Assim, é fundamental que os estudantes de enfermagem, “treinem” habilidades motoras e emocionais a fim de adquirirem destreza manual para fazer os procedimentos racionais - preparo de materiais para os procedimentos que exige organização, bem como os conhecimentos de anatomia, fisiologia e das respostas emocionais ou físicas que os clientes expressam quando são cuidados.⁸

CONCLUSÃO

Constatou-se nesta experiência investigativa a necessidade de repensar o ensino de enfermagem fundamentado em processos criativos que unido a racionalidade científica, são capazes de produzirem inovações tecnológicas.

Sabemos que as estratégias pedagógicas utilizadas no cenário da sala de aula ainda se pautam em relações verticalizadas direcionadas do professor para o estudante, concentradas em um saber com valor hierarquizado. Sempre que se caminha por trilhas diferentes para ensinar enfermagem percebe-se o receio diante das novas possibilidades, seja para os sujeitos que aprendem ou para aqueles que ensinam.

Ao trabalharmos o corpo como instrumento básico de habilidades e destrezas manuais, fomos surpreendidos pelos discursos dos estudantes de enfermagem que criaram inovações de tecnologias leve-duras e produziram aplicativos e tablets para clientes hospitalizados. Outro aspecto da atividade criativa perpassou pelos problemas já enfrentados por eles quando tiveram diante de experiências de cuidar com membros de suas famílias.

Conclui-se que a validade desta vivência afirmou-se quando cada participante se pôs a produzir ou produziu soluções de problemas que no campo das singularidades já foram experimentadas por cada um deles, seja quando cuidaram ou pensaram sobre o cuidado de sua futura prática profissional.

Assim, esperamos que este estudo seja capaz de impulsionar novas estratégias de ensino como possibilidades para ampliar o que entendemos como instrumentos básicos de enfermagem, incluindo os estudantes como elementos ativos das aulas na perspectiva de transcender o discurso biológico, para formas sujeitos operantes, sensíveis e criativos diante do ofício de cuidar.

REFERÊNCIAS

1. Tavares R, Figueiredo NMA organizadores. Arte e Saúde: Experimentações pedagógicas em enfermagem. São Caetano do Sul: Yendis; 2009.
2. Costa EM, Silva RCL, Figueiredo NMA, Silva CRL, Tonini T, Louro TQ. Paradigmas do saber: uma linha de fuga no ensino de enfermagem. Rev enferm UFPE on line. [periódico da internet] 2013 [acesso em 2014 apr 01];7(esp):[aproximadamente 7 p.]. Disponível em: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/3197/pdf_3079
3. Figueiredo NMA, Tonini T, Santos I, Handem PC, Lopes LRF. Cuidado de enfermagem: espaço epistêmico de vivências de ensino a partir do ser cliente. Rev. enferm. UERJ

- [periódico da internet] 2012 [acesso em 2014 apr 01];20(2):[aproximadamente 5 p.]. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v20n2/v20n2a05.pdf>
4. Figueiredo NMA, Tonini T, Tavares R, Araújo WF. Enfermagem e o Jogo Dramático: Reflexões de enfermeiros sobre o cuidado da enfermagem através da imagem. Revista de Enfermagem Referência [periódico da internet] 2010 [acesso em 2014 apr 01];3(2):[aproximadamente 8 p.]. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/ref/vserlln2/serlln2a07.pdf>
5. Morin E. Rumo ao abismo: ensaio sobre o destino da humanidade. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2011.
6. Carvalho V. Enfermagem fundamental: predicativos e implicações. Rev Latino-am Enfermagem [periódico da internet] 2003 [acesso em 2014 apr 01];11(5):[aproximadamente 7 p.]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v11n5/v11n5a15.pdf>
7. Silva PS, Figueiredo NMA. Arte e saúde: reflexões para o ensino de enfermagem na perspectiva teatral. Rev enferm UFPE on line. [periódico da internet] 2013 [acesso em 2014 apr 01];7(spe):[aproximadamente 8 p.]. Disponível em: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/4418/pdf_4326
8. Figueiredo NMA, Machado WCA organizadores. Tratado de Cuidados de Enfermagem - Médico Cirúrgico. São Paulo: Roca; 2012.
9. Carvalho V. Para uma epistemologia da enfermagem - tópicos de crítica e contribuição. Rio de Janeiro: EEAN/UFRJ; 2013.
10. Kneller, George F. Arte e ciência de criatividade. Tradução: Jose Reis. 8ª ed. São Paulo: IBRASA; 1978.
11. Pichon-Riviere E. O processo de criação. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins; 1999.
12. Dilts RB, Epstein T, Dilts RW. Ferramentas para sonhadores - estratégia para criatividade e a estrutura da inovação. Tradução: Hilda Pareto. Rio de Janeiro: Rocco; 2004.
13. Passos E, Kastrup V, Escóssia L. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-Intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina; 2009.
14. Goldenberg M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record; 2004.
15. Minayo MSC, Deslandes S, organizadores. Caminhos do pensamento: epistemologia e método. 1ª ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2002.
16. Silva PS. Efeitos dos cenários de ensino nos estudantes de enfermagem na perspectiva do teatro: um ensaio sobre as respostas do corpo que aprende. [dissertação]. Rio de Janeiro (RJ): Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; 2012.
17. Robbins L. O despertar na área da criatividade. Tradução: Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Gente; 1995.

Recebido em: 30/10/2014
Revisões requeridas: Não
Aprovado em: 06/01/2015
Publicado em: 01/07/2015

Endereço de contato dos autores:
Paulo Sérgio da Silva
Rua Av. Alberto Torres 111-50 andar - Alto Teresópolis/RJ
Email: pssilva2008@gmail.com